

## **A BIOGEOGRAFIA POR MEIO DE JOGOS: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA**

Ivan de Matos e Silva Junior<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A iniciação na produção de jogos didáticos em cursos de Licenciatura em Geografia configura-se como uma oportunidade única e diversa de ampliação de repertório do futuro(a) docente que atuará na Educação Básica. Na biogeografia, componente que integra o currículo de Cursos de Licenciatura em Geografia, essa compreensão ganha força em um momento em que há uma lacuna de estudos que assinem o desenvolvimento de jogos enquanto recursos didáticos que versem sobre temáticas biogeográficas no contexto da formação inicial docente. Nesse contexto, a biogeografia tem a oportunidade de contribuir para uma iniciação em jogos engajada com uma formação acadêmica envolvida na proposição de soluções didático-pedagógicas, tendo em vista o pouco envolvimento discente com os estudos da Natureza na Geografia.

A biogeografia integra um dos componentes curriculares obrigatórios dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia e Biologia, bem como os bacharelados de Engenharia Florestal e Ciências Ambientais do país. Este panorama da territorialidade dos saberes biogeográficos em diferentes formações acadêmicas evidencia a sua importância tanto no currículo quanto na formação do/a futuro/a profissional dessas áreas. Apesar dessa diversidade de atuações profissionais em que a biogeografia é requerida, são nos cursos de formação docente que ela assume uma particularidade que a distingue dos cursos de bacharelado supracitados, traduzida pela necessidade de abarcar tanto conteúdos específicos quanto didático-pedagógicos (Matos, 2020). É dentro desse contexto de duplo movimento, que deve haver uma convergência entre ambos os conteúdos para que se cumpra o propósito curricular-formativo de quem atuará, *a priori*, na Educação Básica Nacional.

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - BA, [ivan.matos@ifba.edu.br](mailto:ivan.matos@ifba.edu.br).

Na biogeografia, componente que integra o currículo de cursos de Licenciatura em Geografia, essa compreensão ganha força em um momento em que há uma lacuna de estudos que assinalem o desenvolvimento de jogos enquanto recursos didáticos que versem sobre temáticas biogeográficas no contexto da formação inicial docente em Geografia, mesmo por que o uso de jogos permite tornar os conteúdos mais atrativos, despertando mais envolvimento/familiaridade com os conteúdos acionados, configurando-se como uma estratégia alternativa e prazerosa de compartilhar saberes e experiências, dinamizando assim a aula de Geografia, e acenando outros aspectos atitudinais relacionados aos valores, as regras e ao respeito mútuo ( Breda, 2018).

A literatura científica há bastante tempo tem dedicado considerável atenção quanto à importância do uso de jogos, tanto analógicos quanto digitais, na formação inicial e continuada de docentes em diferentes áreas do conhecimento, que se propõem, por sua vez, pautar a questão da ludicidade como dispositivo facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Vocalizando essa importância desses recursos didáticos lúdicos, as discussões em torno das temáticas físico-naturais na formação docente têm crescido no Brasil, demandando da biogeografia respostas efetivas quanto ao desenvolvimento de recursos didáticos no âmbito da formação docente.

Desse modo, acredita-se que a carência de jogos biogeográficos esteja associada ao perfil bacharelesco que tem dominado historicamente os cursos de formação de professores e professoras de Geografia. A despeito disso, o ensino de biogeografia nos últimos anos tem começado a pautar reflexões e anúncios de atividades lúdicas no contexto da formação docente. Assim, o jogo como dispositivo didático, que anuncia mudanças na forma de mobilizar conteúdos, ainda é mal compreendido tanto na formação inicial quanto continuada de docentes, associado por vezes como algo desprezível, em decorrência da hegemonia de práticas de ensino ainda focadas em metodologias que não mobilizam a ludicidade como dispositivo formativo. Daí a necessidade de anunciar o desenvolvimento de jogos e sua conseqüente articulação com a formação inicial, a fim de superar essa compreensão equivocada em torno desses recursos didáticos.

Além disso, reconhece-se que parte considerável dos/as estudantes no país, não se identificam com as temáticas físico-naturais, o que resulta em práticas de ensino-aprendizagem mobilizadas sem envolvimento do corpo discente na Educação Básica. Nesse contexto, a biogeografia tem a oportunidade de contribuir para uma iniciação em jogos pautada com uma formação acadêmica envolvida na proposição de soluções

didático-pedagógicas, tendo em vista o pouco envolvimento discente com os estudos da Natureza na Geografia tanto na graduação quanto na Educação Básica.

## **METODOLOGIA**

O presente texto trata-se de um dos resultados de pesquisa, referendada como uma reflexão teórica que visa provocar docentes formadores(as) na criação de jogos junto com seus licenciandos e licenciandas em Geografia. Para tanto, o estudo faz um levantamento da literatura científica especializada nos estudos e pesquisas relacionadas ao desenvolvimento de jogos na educação geográfica em sua articulação com as temáticas físico-naturais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante das especificidades da articulação da biogeografia com a formação docente em Geografia, optamos por dar maior atenção àquelas que dizem respeito à interface da biogeografia com a formação de professores e professoras de Geografia, por se tratar de uma área com a qual temos familiaridade. A interface entre biogeografia e formação docente pode parecer estranha, uma vez que estamos acostumados com a compreensão de que os conhecimentos das temáticas biogeográficas devam cumprir, portanto, os conhecimentos específicos do componente curricular. Ao mesmo tempo, essa compreensão ganha reforço na argumentação de que não faria o menor sentido falar em biogeografia em sua relação com a formação docente em Geografia, uma vez que não temos uma biogeografia escolar, mas uma Geografia mobilizada na Educação Básica.

Desse modo, não se trata de se institucionalizar uma formação docente para atuar numa biogeografia escolar, uma vez que “não ensinamos Geografia Física [nem tampouco biogeografia, grifo nosso], mas, sim, a natureza, enquanto uma dimensão constituinte do espaço geográfico. Isto porque a disciplina nesse nível de ensino é Geografia.” (Suertegaray, 2018, p. 13), e configura-se enquanto disciplina nos sistemas formais da Educação Básica, pelo menos como componente curricular obrigatório no Ensino Fundamental II, como determina a Base Nacional Comum Curricular. Esse ensino da natureza a que se reporta Suertegaray vem sendo contemporaneamente ressignificado, uma vez que há uma compreensão de que as abordagens devam superar o naturalismo e instaurar abordagens mais integrativas que envolvam as relações sociedade-natureza.

Embora não exista uma biogeografia escolar, temos duas áreas do conhecimento que a mobilizam no Ensino Básico, geralmente traduzida por meio de conceitos e temas nem sempre atrelados a conteúdos biogeográficos. Aliás, a biogeografia é pouco abordada na escola, como adverte Furlan (2012), que inclusive acena para o trabalho com projetos em biogeografia em que “trabalhar com projetos tem sido uma das maneiras possíveis de organizar o trabalho pedagógico no ensino de diferentes áreas que fundamentam a formação do estudante em seu percurso de formação” (p.9). Isso se aplica especialmente no contexto de envolvimento estudantil em projetos em biogeografia com vistas ao desenvolvimento de jogos didáticos.

Em geral, percebe-se que, nas universidades públicas, na maioria dos casos, as mais antigas e com os cursos de Geografia funcionando há bastante tempo, há a preocupação com a formação do geógrafo e, como acréscimo, à Licenciatura. Decorrente daí, a estrutura curricular, os conteúdos das disciplinas e a própria metodologia de sala de aula são mais ligados à formação do pesquisador, do técnico, do que do professor.” (Calhai, 2013, p. 116).

A despeito de existirem cursos de formação de professores/as em Geografia que não reconhecem a dimensão pedagógica dos conteúdos específicos das disciplinas que integram a área de formação, tem-se buscado descortinar, dentro da própria geografia física, um movimento entre pesquisadores/as da subárea dos estudos da natureza que buscam articular a dimensão pedagógica na Geografia a partir das temáticas físico-naturais (Morais, 2015) ou através dos estudos da natureza na Geografia escolar, como sugere a geógrafa brasileira Dirce Maria Suertegaray.

Embora não sustentemos abordagens dicotômicas na Geografia escolar, traduzidas por meio da separação entre os estudos da natureza (Geografia Física) e os estudos da sociedade (Geografia Humana), acreditamos que a interface entre biogeografia e formação docente (e isso se estende a qualquer outro componente específico da área de formação) pode e tem condições de estimular abordagens mais integradas que venham superar essa cisão geográfica que se instalou e que vem sendo revisitada não apenas no meio acadêmico como também nos espaços escolares, sobretudo, pelo fato de “que o grande desafio a ser enfrentado é o da formação realmente conjunta dos vários profissionais da educação.” (ALVES, 2015, p. 80). Além disso, não devemos nos esquecer de que, ao problematizarmos a formação, “é preciso que saibamos que é nela que se dá a formalização de conhecimentos específicos e a apropriação teórica de práticas

– de todas as práticas que se dão nos demais contextos e da própria teoria.” (Alves, 2015, p. 66).

No entanto, a estranheza que mencionamos no início desta seção quanto à interface biogeografia e formação docente por vezes é ressaltada sob a argumentação de que os conteúdos específicos da biogeografia estariam tão somente vinculados aos conceitos, temas, abordagens, métodos e técnicas concernentes aos estudos dos espaços-tempos da biodiversidade em diálogo com questões mais amplas da grande área (Geografia), enquanto a questão da formação docente caberia apenas aos componentes específicos de Metodologia do Ensino da Geografia e seus estágios supervisionados, bem como dos componentes curriculares oriundos da área da Educação, a exemplo da Didática, Sociologia da Educação, História da Educação, Filosofia da Educação, dentre outras. Assim, não hesitamos em afirmar que o lugar da biogeografia na formação de professores e professoras tem sido a subárea de estudos específicos das áreas de Geografia, com raras articulações com a dimensão pedagógica, o demonstra o fato de que se fazem “[...] necessários conhecimentos que vão além do conteúdo da Geografia e que tenham a ver com o processo de construção do conhecimento, com os aspectos pedagógicos” (Calhaz, 2013, p. 117).

Não podemos ignorar o fato de que a educação geográfica contempla conteúdos relacionados à Natureza e de que se faz necessário recorrer à dimensão pedagógica. Os estudos da natureza são contemplados na Base Nacional Comum Curricular, aspecto que já fora prescrito em outros documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, no que tange à sua articulação com as temáticas físico-naturais. A biogeografia, nesse contexto, pode ser mobilizada com mais versatilidade no Ensino Fundamental II, diferentemente do Ensino Médio, em que a biogeografia deverá ser mobilizada de forma mais ampliada e pulverizada nas humanidades, com tratamento didático-pedagógico com orientações no campo socioambiental.

É possível admitir que a biogeografia é um conteúdo presente nos livros didáticos (Matos; Nascimento; Araujo, 2016a; 2016b), frequentemente mobilizados de forma fragmentada no Ensino Fundamental II, enquanto no Ensino Médio, com o novo Ensino Médio, as temáticas biogeográficas assim como todas as temáticas físico-naturais foram pulverizadas do currículo, restando apenas sua articulação com questões socioambientais de forma ampla.

Nesse contexto, formar professores e professoras é construir propostas alternativas que convirjam para a futura prática profissional na Educação Básica. Isso inclui o desenvolvimento de recursos didáticos, a exemplo do jogo, a fim de criar novas abordagens de ensino-aprendizagem que resgatem a ludicidade, ampliando o repertório de saberes na Geografia escolar. O jogo, por sua vez, além de acenar para o aprendizado das temáticas biogeográficas, acena para importantes contribuições sociocognitivas.

Para Breda (2018), o jogo tem as seguintes atribuições, a saber: auxiliar na motivação e na criatividade, favorecer a aprendizagem ativa e por descobrimento, contribuir para a tomada de decisões e resolução de problemas, adaptar o ritmo de aprendizagem para cada aluno, modificar a relação educador-educando e educando-educando, criar situações emocionais inerentes à vida; desenvolver a sociabilidade, a comunicação e a negociação, bem como estimular o trabalho em equipe, incentivando o respeito às pessoas e a importância de regras. Além disso, o jogo ajudaria a simular situações de problemas “reais”; resgatar conhecimentos e estimular a aquisição de novos conhecimentos, bem como integrar conteúdos específicos e temas transversais do currículo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A forma como a biogeografia é mobilizada na graduação acadêmica, voltada para a formação inicial docente em Geografia, tem fortes reverberações no exercício profissional na Educação Básica. Desse modo, articular os conhecimentos específicos com os aspectos didático-pedagógicos é pautar uma formação mobilizada a partir de uma abordagem integrada, sempre dialogada com outros referenciais, ampliando assim o repertório de práticas dos sujeitos envolvidos. Desse modo, compreender a importância dos jogos no tratamento das temáticas biogeográficas na formação docente proporcionará um movimento de estudos e pesquisas dedicadas ao desenvolvimento de recursos didáticos no tratamento das temáticas físico-naturais como um todo.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Nilda. Alternativas de formação de professores para a educação básica: novos caminhos. In: GARCIA, Alexandra.; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BREDA, Thiara Vichiato. **Jogos geográficos na sala de aula**. Curitiba: Appris, 2018. Edição Kindle.

CALLAI, H. C. **A formação do profissional da geografia: o professor**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

CASTELLAR, S. M.V. O ensino das temáticas físico-naturais e a formação inicial de professores. *In*: MORAIS, E. M. B. de; ALVES, A. O.; ASCENÇÃO, V. de O. R. (Orgs). **Contribuições da Geografia Física para o ensino de Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018. p.13 - 32.

FURLAN, S. A. Projetos de estudo em Biogeografia: uma abordagem significativa na construção de projetos. *In*: CASTELLAR, S. (Org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-19.

CABRERO, R. de C.; COSTA, M. da P. R. da. Iniciação científica, bolsa de iniciação científica e grupos de pesquisa. *In*: Massi, Luciana; Queiroz, Saete Linhares. **Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro**. SciELO - Editora UNESP. Edição do Kindle.

MATOS, I.; NASCIMENTO, O. C.; ARAUJO, D. S. **Conteúdos biogeográficos no ensino de geografia: uma reflexão a partir de livros didáticos de Ensino Fundamental II**. *In*: VIII Fórum Nepeg de Formação de Professores de Geografia, 2016, Caldas Novas - GO. Anais do VIII Fórum NEPEG de Formação de Professores de Geografia, 2016a. v. 7. p. 407-413.

MATOS, I.; ARAÚJO, D. S.; NASCIMENTO, O. C. **A biogeografia na geografia escolar: uma reflexão a partir de livros didáticos de Ensino Médio**. *In*: 9º ENFOPE - Encontro Internacional de Formação de Professores e 10º FOPIE - Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional, 2016, Aracaju. Anais 2016 - 9º Encontro Internacional de Formação de Professores e 10º Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional - Ciência, Trabalho, Educação e Interculturalidade, 2016b v. 9.

MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. As temáticas físico-naturais como conteúdo de ensino da geografia escolar. *In*: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Temas da geografia na escola básica**. São Paulo: Papyrus, 2015. p.13 - 44.

SILVA JUNIOR, Ivan de Matos e. **O pensamento decolonial na Biogeografia e suas contribuições na formação docente**. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, 2020.

SUERTEGARAY, D. M. Geografia Física na Educação Básica ou o que ensinar sobre natureza em Geografia. *In*: MORAIS, E. M. B. de; ALVES, A. O.; ASCENÇÃO, V. de O. R. (Orgs). **Contribuições da Geografia Física para o ensino de Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018. p.13 - 32.